

# O pintor Dominguez

Uma das causas profundas da crise das Belas-Artes entre nós é, indubitavelmente, a sua incompreensão. O ambiente nem sequer é adverso, mas apenas indiferente.

Tudo repousa na admiração dos deuses defuntos. Mórmente aqui no Pôrto, as épocas nascem e morrem sem que a mais leve aragem venha agitar esta quietude pantanosa.

Alguns pintores sem a personalidade bastante para resistir à influência degradante dum meio tão funesto, vivem agitados num vai-vém de bola de borracha; desbordam-se em saltos duma tendência para a outra, perdidos entre as indicações do seu íntimo e a necessidade social de agradarem a um grupo de teimosos, sôlidamente agarrados a preconceitos bolorentos.

Trava-se pois um conflito entre a necessidade íntima e a necessidade social de agradar. Esta luta interna finaliza sempre pela manifestação clara dos mais tristes resultados, expressos numa impotência absoluta de produção ou, mais vulgarmente, pela exposição impúdica de habilidades nulas e sensaboronas.

Estas habilidades expõem-se constantemente no Salão Silva Porto, verdadeiro bazar de antiguidades onde se aglomera o grupo pardacento desses caquéticos admiradores de idólatras da forma.

Se o expositor é mau, a casa cheia regista vendas, os diários à margem de enormes fotografias incluem recomendáveis palavras da D. Aurora e semelhantes; todos cantam hossanas aos pintores dos garrafões de vidro; costuma até aparecer o nosso município para comprar algumas dessas reproduções inúteis que irão testemunhar nas paredes do museu a existência indesejável de autómatos, sem alma, sem gosto e sem personalidade.

Porém se algum dia um artista, um desses novos ali vai, sinceramente, na esperança de encontrar alguém capaz de compreender sua alma ardente, seus sonhos de perfeição e de beleza, a sala deserta conta apenas as corridas desdenhosas das sombras tumulares que ali foram na esperança de encontrar algum imitador de melancias.

Pintores velhos, de barbas, arrasando guarda-chuvas negros, cochicham graçolas, e alguns levam o impudor ao cúmulo de fazerem ouvir bem alto a voz das mentalidades raquíticas.

Foi num desses dias desertos em que o salão despovoado de vultos negros tinha um aspecto mais novo que tive o primeiro contacto com a obra de Dominguez Alvarez.

Obra harmoniosa.

Por toda a parte, quer sejam vielas

dez

onde a luz não entrou ou pedaços faustosos de jardins opulentos, sempre o mesmo carinho os uniu à paleta.

Alvarez ama a natureza com a felicidade dum primitivo; ama-a inteiramente; dos seus dias de luto aos seus dias de gala, da criança que chora ao velhinho que ri. Ama-a na articulação dos seus dedos, na dureza do pau esguio dos pinces, nas possibilidades físicas dos seus olhos, na docilidade pastosa das suas tintas.

A sua figura alta, esguia, meio curvada como sob o pêso invisível de tanto encantamento, a sua expressão dulcíssima, a sua voz serena, contrastam violentamente com esse olhar irrequieto onde se reflete uma alma a arder de entusiasmo pela natureza que a rodeia.

E esse poeta grande, sorridente e taciturno, identifica-se plenamente à sua obra: técnica simples, serena, mas de onde irradia um potencial formidável de sentimentos concentrados.

A sua obra aparentemente popular emerge duma toada poética, duma espécie de misticismo que é o cunho eterno das almas da Galiza.

Na pintura de Alvarez, como na de Henri Rousseau ou Maurice Utrillo, existe acima do valor pictural o valor emotivo a indicar-nos que um estado excepcional presidiu à execução dessas paisagens sentidas.

Um imenso acumulado de sensações subjectivas enche a atmosfera dos seus quadros sem macular em nada a verdade objectiva que ali vai representada com tal escrupulo de minúcias que roça o exagêro.

Tudo o que lá estava ali está representado nos mínimos detalhes, e esse som de mistério que transforma uma estrada em sonho de amor ou grito de tragédia tem uma origem pura, nativa, inconsciente.

Que coisa mais estranha que as suas arquitecturas sólidas afirmadas na realidade corpórea dos seus grises!; aspectos fotografados da nossa vida cotidiana, como a desse casario do Pôrto, mas abismadas na luz crepuscular dum sonho longínquo.

E o mais notável é que Alvarez nunca procura atingir este fim. Alvarez não faz literatura quando pinta, é apenas um escravo dessa sensualidade que encontra na polifonia das tintas sobre a tela a satisfação cabal dos sentidos. A sua pintura é todo o seu coração. Essas paisagens de Castela pintou-as assim trágicas sem as pensar primeiro.

O homem reside ali, entregue sem disfarce aos dictames dos seus desejos e às reacções do seu instinto.

Por isto, a identidade de Domin-



“auto-caricatura”  
gravada em madeira por Azevedo

guez Alvarez à sua obra é quasi de perfeição absoluta.

E assim caminha em frente, acalentado por esta harmonia tão perfeita. Seus passos são sempre seguros porque ele ama-os com todo o entusiasmo da sua alma. Finda a obra, o artista está plenamente satisfeito e vota-se com igual ardor em busca dos passos que se seguem. A ascensão é certa porque os seus passos são firmes e felizes.

!Ai do caminheiro que se impacienta com a fraqueza das suas pernas que marcham!

Todo o pinor que se revolta e lastima pelas limitadas possibilidades da matéria a seu alcance, que se sente insatisfeito e sofre com o resultado da sua obra, esse, poderá ser um grande artista, mas não nasceu para pintar. É um homem torturado por não encontrar a forma capaz de exprimir o seu íntimo.

A sua obra é o reflexo da sua tortura, muitas vezes cheia de interesse mas à qual faltará a beleza duma alegria intensa.

Nascer para pintar digo de aquêles que, como Dominguez Alvarez, sentem imensa gratidão ao ofício que, em todos os momentos, foi o fiel reproductor da sua alma.

Incensado por este amor enorme o

sol nascente

# Alvarez

homem persiste, e o seu ofício cada vez mais rico de possibilidades rasga-lhe um caminho saudável de evolução progressiva.

Alvarez tinha que ser pintor fôsse como fôsse, porque ele é um escravo dessa força estranha à qual se obedece sem a menor hesitação.

O seu caso seria como o de Maurice Utrillo, o pintor magnífico que triunfa de todos os obstáculos e vence tôdas as barreiras mais difíceis.

Bêbado e pobre, pintando sobre bocados de cartão ou de pano, com tinta, com lápis ou com giz, mas pintando sempre.

Êsse Maurice Utrillo que ergueu o seu ofício muito acima do cáos da sua vida social, era, como Alvarez, um artista que nasceu para pintar.

E se aqui insisto é apenas para reafirmar a minha convicção de que nem todos os artistas que pintam nasceram para pintar, nem muitos dos que escrevem ou esculpem nasceram para escrever ou esculpir.

É indubitável, e este é um ponto importante a recordar, que a palavra pintura nasceu para classificar determinada actividade humana e assim quando dizemos que um individuo é pintor testemunhamos imediatamente, e à parte de qualquer opinião crítica, uma actividade especial desse individuo. Por conseguinte, a palavra pintura significa fundamentalmente actividade humana. Recordemos agora que a actividade humana pode ser de ordem afectiva, representativa e volitiva; quere dizer, instintiva, automática e voluntária. Evidente será deduzir-se que, referindo-nos à pintura artística, referimo-nos a uma actividade especial; isto é, mais rica; portanto, ela será mais elevada quanto em maior quantidade e melhor harmonia consiga conter em si as três maneiras apontadas. Que apenas à erupção afectiva venha a necessidade instintiva de representação orientada por uma vontade firme, gerada numa consciência esclarecida.

Assim, para um verdadeiro pintor, a missão capital é pintar bem e todos os esforços em prol desta tarefa serão, naturalmente, reflectidos por outras tantas alegrias.

Ora esta alegria, esta satisfação permanente pelo fim atingido, encontra-se em Dominguez Alvarez que é, a meu vêr, um artista nato, dentro da definição de André e Marcel Boll, «um emotivo-realizador».

E tanto assim que, em Alvarez, esse encantamento com a própria obra persiste indiferente às evoluções da técnica, que

sol nascente

muitas vezes, como no momento actual, apresenta uma completa transformação em relação à anterior.

Na verdade, quando conheci Dominguez Alvarez, poderia classificá-lo entre os pintores de modo táctil, absorvido inteiramente na admiração dos volumes e devotado à realidade corpórea das coisas. Tudo servia a verdade palpável dos objectos e o pintor parecia até abstrair-se da própria luz, contentando-se em representar as coisas iluminadas. Os opacos, na sua pintura, eram declaradamente do processo táctil, em que o gris da luz nunca se despega do seu companheiro de vibração, o cáldio. A iluminação reduzia-se quasi ao claro-escuro que de modo algum representa a luz própria, mas que é somente filho da luz. Desta confusão de luz com claro-escuro nasceu o erro muito espalhado de se chamar luminista a Rembrandt e pintores do seu estilo, quando, mais propriamente, lhe devemos chamar — claro-escuristas.

Esta maneira de iluminar as coisas com uma luz estranha, jorrada de uma fonte misteriosa, colocada fora do ambiente representado, é uma nota vibrante no estado místico.

Fugindo desta maneira, em perseguição da verdadeira luz, Alvarez aparece-nos agora num período de transição, naturalista velasquiano, de grises e construções sólidas no primeiro plano e luminosidades vaporosas nos longes. Mais realista e mais alegre, persegue a luz com um entusiasmo dum verdadeiro impressionista. Aparece com uma personalidade diferente, mais real, mais confiado, possuido dum encantamento mais entusiasmado que lhe dá uma força animal admirável.

À adoração mística, doentia, ao ingénuo a roçar pela timidez, succedeu o homem saudável. O adorador da natureza, colocado em plano inferior da sua deusa, transformou-se na própria deusa. É parte integrante da natureza que ele ama; o prazer de adorar cedeu ao prazer da alegria.

Não tardará que da sua paleta brotem iriantes cânticos à natureza, cânticos dum poeta que a ama a ponto de transformar no cromatismo festivo das suas estações os destinos grises que amou e conheceu.

Muito haveria a dizer sobre este pintor esplendido se o espaço e o tempo me não limitassem.

## ANTOLOGIA

### Papel da arte na vida individual

(continuação da pág. oito)

Não é somente sob o aspecto do sofrimento mitigado ou da alegria dilatada que devemos considerar o papel da arte na vida individual. Compete à arte função mais grave: como sugere e exprime emoções independentes de toda a individualidade, alarga as nossas mesquinhas existências, introduzindo nelas sentimentos e ideias que sem ela desconheceríamos. Assim, por exemplo, faz-nos simpatizar com os matizes de dor ou de volúpia, de santidade ou de heroísmo, de cuja existência não suspeitávamos. E' um meio excelente de educação moral e intelectual, um maravilhoso agente de progresso interior.

A arte faz-nos entrar em comunhão com todos os aspectos da vida humana e da Natureza. Por isso mesmo, leva o homem a cumprir melhor um dos seus deveres para com a humanidade e a vida universal.

Podemos afirmar que o homem tem um dever não só para com todos os seres, mas também para com tôdas as coisas, para com tôdas as realidades: o dever de interessar-se por elas, de apreciar o seu encanto original, de amar tôdas as nuances fugidias da sua beleza. Apreciar não só a formosura humana, mas também a dos animais, das plantas e das flores, das pedras e das águas, do sol, da lua e das estrelas, da neve e das tempestades, é ser, como convém, agradecido à Natureza; o agradecimento é sempre superior à ingratidão. Comprazer-se como artista no espectáculo cambiante do Universo é descobrir nessa contemplação desinteressada esquisitas alegrias, é querer e amar a vida universal.

Por tal caminho conduz a arte ao amor da vida universal, que pode ser hoje a religião daqueles a quem não atrai culto algum. A arte pode realizar a comunhão ditosa do homem com a Natureza, a fusão mística do ser individual com o ser universal. «Toda a grande arte é adoração», diz o esteta inglês Ruskin (1819-1900).

Logo, desempenha a arte, ou pode e deveria desempenhar, um papel imenso na vida individual. Jaurés exprime esta ideia numa frase admirável: «A arte faz cair e ressoar, bem no fundo da nossa existência quotidiana, as suas mais altas inspirações, do mesmo modo que o roble, mediante o frêmito das raízes sacudidas, transmite às entranhas da terra os grandes ventos que enchem o espaço».

onze